Ruether que, com pinceladas brilhantes, extroverte explosiva e simpaticamente tôda sua psicologia feminina.

A unidade da obra é dada por Monsenhor Roberts, de cuja introdução transpiram admirável amplitude de visão, simpática benevolência para com o homem e seus problemas e experiência incomum, adquirida através de seus contactos plurinacionais e plurirreligiosos.

A tradução em português, de Sônia Schwartz, vem a nossas mãos com atraso de varios anos Contudo, o atraso é meramente temporal, pois a encíclica papal Humanae Vitae parece não haver pôsto ponto final à polêmica e, ao contrário, tornou o assunto ainda mais atual.

U ()

4.

NIKO ZUZEK

RIZZINI (Carlos). — O jornalismo antes da tipografia. São Paulo. Companhia Editôra Nacional. 1968. 204 páginas, ilustrado.

O autor, sobejamente conhecido dos estudiosos da história brasileira pelo seu explêndido livro sôbre Hipólito da Costa, preenche com o presente volume sensível lacuna na bibliografia brasileira. Tal como diz o seu título, seu livro é um estudo das formas de comunicação da notícia, da idéia e da crítica, sem o uso da letra de forma. Partindo de épocas remotas, não para, todavia, no invento de Guttemberg. Ultrapassa-o, pois a sua fase mais intensa e produtiva — a da gazeta manuscrita - estende-se aos últimos dias do século XVIII, quando os frutos da tipografia haviam já alcançado maturidade e perfeição. "A transmissão oral, o periódico imóvel, a carta particular, na Antigüidade, o jogralismo e o trovadorismo palaciano e ambulante, e as crônicas, da Idade Média; de nôvo a carta particular, a carta destinada ao público e carta-de-notícias, o novelismo-de-boca, de café e de rua, a sátira verbal, a escrita, em prosa ou em verso, o pasquim, e, por fim, a gazeta-de-mão, no Renascimento e nos albores da Idade Moderna — constituem os processos históricos do jornalismo antes da tipografia" (do prefácio). São êsses os meios de comunicação estudados pelo autor neste livro: as atas romanas; jograis e trovadores; os cronistas; novidadeiros de rua e de café; o papel; o correio; a carta; a gazeta manuscrita; a sátira e o pasquim. Obra recomendável, não apenas para os estudantes de história, mas igualmente para os de biblioteconomia.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

CASTRO (Therezinha de). — História documental do Brasil. Prefácio de Delgado de Carvalho. Rio de Janeiro. Distribuidora Record. 1968. 416 págs. A publicação de textos e documentos que possam servir aos estudantes de História, é empreendimento do mais alto valor e interêsse cultural. Por isso, folgamos com a publicação do presente volume, que reune documentos fundamentais da história brasileira desde a bula Inter coetera até textos importantes relativos à situação atual do país. Era sentida a falta de um trabalho dessa natureza, especialmente depois da publicação, nos Estados Unidos, do excelente livro do Pro-